

Brasília é campeã no mountain bike

» WLADIMIR GRAMACHO
ESPECIAL PARA O CORREIO

Aos 53 anos, o ciclista Abraão Azevedo venceu ontem, pela sétima vez, a prova mais dura do mountain bike mundial, a Absa Cape Epic — competição qualificada como épica, com justiça. Ao lado de seu companheiro de ultramaratonas há mais de uma década, o holandês campeão olímpico de 1996 Bart Brentjens, Abraão liderou, na categoria grand masters, de ponta a ponta, os 648 quilômetros de prova, passando por montanhas, vales, rios, pontes e pedras na região vinícola próxima à Cidade do Cabo, na África do Sul.

Ao longo de oito dias, ambos fizeram força para subir 15,5 mil metros e tiveram que ter cuidado e técnica para descer trechos inclinados e perigosos. Acidentes, exaustão física e problemas mecânicos tiraram da prova 480 dos 1.500 atletas inscritos. Até mesmo o número 1 do ranking mundial do mountain bike olímpico (XCO), o espanhol David Valero Serrano, de 34 anos, desistiu no sábado logo cedo, após rodar os primeiros cinco quilômetros de prova e notar que seu corpo não tinha mais condições de seguir.

A decisão parece ter sido acertada, porque a etapa de sábado foi a mais dura de todas, segundo contou Abraão ao **Correio**. “Largamos com chuva, e no alto da montanha estava muito frio. Comecei a perder o controle da bicicleta por causa da baixa temperatura e a perder a sensibilidade nos dedos. Tinha também muita lama grudando no pneu e era muito difícil pedalar. Na hora de descer, fazia muito frio e comecei a faltar freio numa descida muito cavada. Eu só queria terminar, só queria chegar ao final”, disse, aliviado, o ciclista, já de volta à sua tenda no acampamento móvel onde se recuperavam os atletas entre uma etapa e outra.

Bart Brentjens contou que tinha tido febre na noite anterior e havia se alimentado mal. “Os primeiros 50 quilômetros foram ok, mas eu comecei a me sentir mal, e o Abraão me ajudou a chegar até a linha de chegada. Não foi nada fácil”, revelou o holandês, em vídeo no Instagram.

Em sua nona participação na Absa Cape Epic, Abraão disse que não havia enfrentado condições climáticas tão adversas em edições anteriores. “Nunca tinha tido uma etapa tão cruel”, avaliou o atleta, nascido em Formosa (GO), mas radicado em Brasília desde a adolescência. Na categoria grand masters — para atletas com mais de 50 anos — apenas 89

Pela sétima vez, o ciclista Abraão Azevedo venceu a Absa Cape Epic, prova considerada a mais árdua do esporte. Ao lado do companheiro de ultramaratonas, o holandês Bart Brentjens, liderou na categoria grand masters

duplas completaram a prova, dentre as 136 que largaram — taxa de abandono de 35%.

As duplas campeãs nas demais categorias profissionais foram Matthew Beers e Christopher Blevins (UCI-masculino), Kim Le Court e Vera Looser (UCI-feminino), Karl Platt e Tomás Misser Vilaseca (masters-masculino), Jennie Stenerhag e Esther Suss (masters-feminino) e Rene Vallee e Alain Broglia (great grand masters-masculino). As duplas 100% brasileiras mais bem colocadas neste ano foram André Costa e Enrico Sampaio Júlio (72º lugar geral), Thiago Machado e Felipe Pereira Coelho (80º), e Guilherme Hoffman e Luiz Eduardo Vieira (100º), todos mais jovens que Abraão e Brentjens, que chegaram em 44º lugar na classificação geral.

Lenda viva

No mountain bike de Brasília, Abraão Azevedo não é só a maior referência como atleta vencedor e longo, mas também dá nome a famosas (e difíceis) trilhas com pedras, valas e curvas que desafiam as melhores técnicas e bicicletas. Perto da Torre Digital, a trilha do Abraão tem pouco mais de 10 quilômetros, mas mesmo atletas bem treinados podem levar uma hora para completar o percurso, especialmente ao tentarem passar pela complicada “subida do Abraão” sem descerem da bicicleta para empurrá-la numa subida ou carregá-la numa descida mais íngreme.

Esse é um legado que Abraão construiu para o esporte, à base de desafios e superação, assim obteve dele uma profissão e várias lições. “Eu devo muito ao ciclismo, pelas amizades

Gary Perkin/Cape Epic/SPORTZPICS



Instagram/Abraão

Desportista, de 53 anos, vive em Brasília desde a adolescência

Foram 648 quilômetros, passando por montanhas, vales, rios, pontes e pedras perto da Cidade do Cabo

e por ter me mantido como atleta profissional e agora como treinador”, afirmou ele, em referência à AAZ Sports, sua assessoria esportiva.

“Mas o principal ensinamento que trago comigo é a resiliência: você deve ter certeza de que tudo na vida vai passar. Se você está bem demais, saiba que isso vai passar. Se você está numa dificuldade, tenha a tranquilidade de que vai passar também”, destacou Abraão, numa narrativa calma e pensada.

Outra lição importante que o ciclismo lhe deu foi a honestidade. “O mountain bike é um esporte muito honesto, no sentido de que quem se dedica, quem se empenha, sempre tem o seu momento de glória. Claro que a genética no esporte é preponderante, mas se a pessoa se empenha e se dedica o resultado vem”, ensinou. Ao contrário do ciclismo de estrada — cuja

imagem é com frequência atingida por casos de doping envolvendo supercampeões — no mountain bike são muito raros esses episódios.

Vencida a prova deste domingo, Abraão retorna a Brasília e aos treinos para o próximo desafio, em menos de um mês. Em 23 de abril, ele disputará o campeonato mundial master de cross-country olímpico (XCO) na Argentina. Na edição de 2022, ele chegou em terceiro lugar num dia de muito frio. Dos 83 competidores que largaram, apenas 12 conseguiram chegar à meta final. “Depois disso, quero descansar e me dedicar mais ao meu filho, o Gabriel, de 16 anos. Quero ficar mais próximo dele”, planejou o ultramaratonista, que pedala a cada ano cerca de 12 mil quilômetros, o suficiente para ir de Brasília à África do Sul... e voltar!

© Gary Perkin/Cape Epic



Na categoria grand masters, das 136 duplas, 89 completaram a prova, um abandono de 35%

